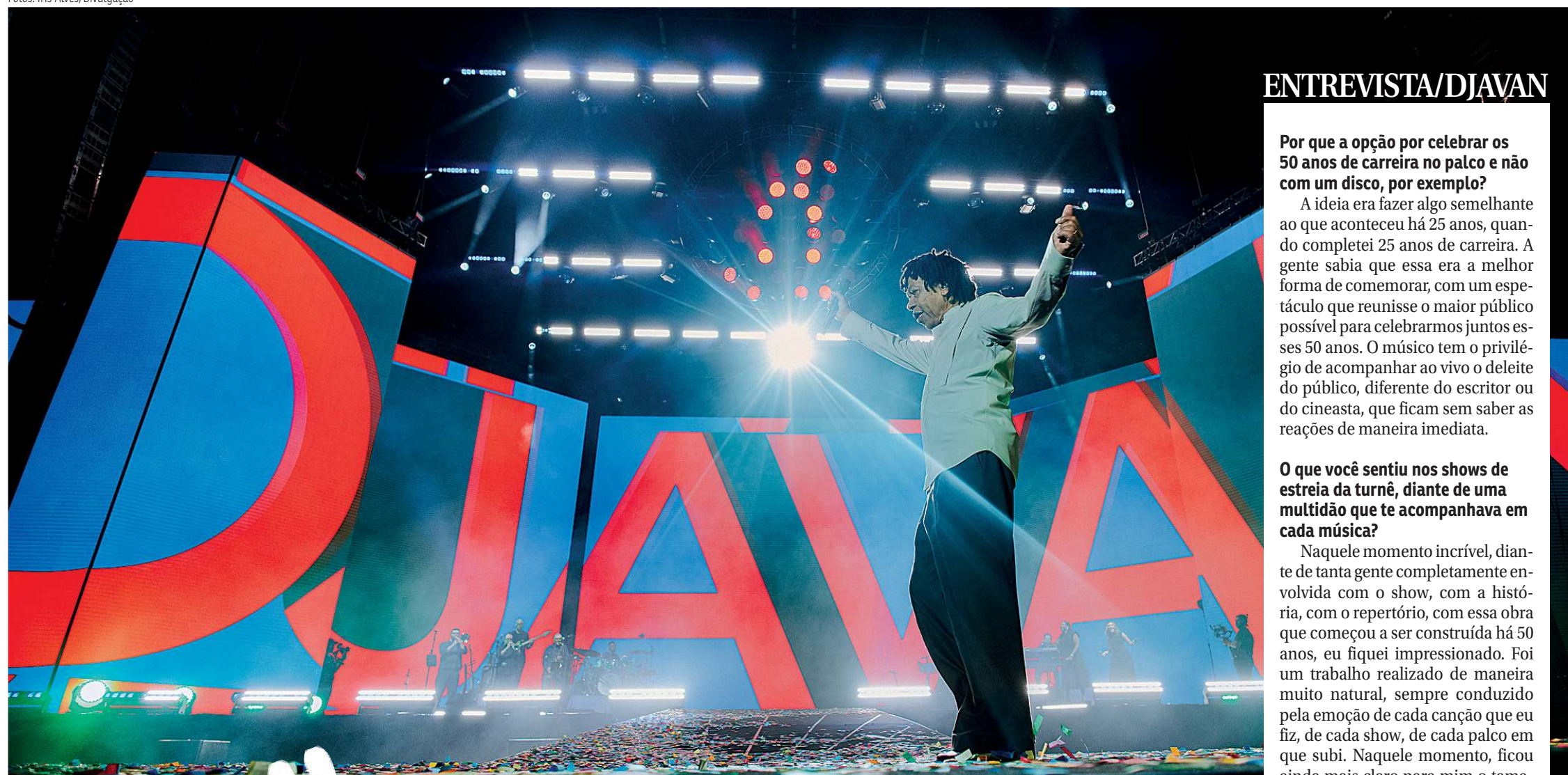


Diversão & Arte

Fotos: Iris Alves/Divulgação



ENTREVISTA/DJAVAN

Por que a opção por celebrar os 50 anos de carreira no palco e não com um disco, por exemplo?

A ideia era fazer algo semelhante ao que aconteceu há 25 anos, quando completei 25 anos de carreira. A gente sabia que essa era a melhor forma de comemorar, com um espetáculo que reunisse o maior público possível para celebrarmos juntos esses 50 anos. O músico tem o privilégio de acompanhar ao vivo o deleite do público, diferente do escritor ou do cineasta, que ficam sem saber as reações de maneira imediata.

O que você sentiu nos shows de estreia da turnê, diante de uma multidão que te acompanhava em cada música?

Naquele momento incrível, diante de tanta gente completamente envolvida com o show, com a história, com o repertório, com essa obra que começou a ser construída há 50 anos, eu fiquei impressionado. Foi um trabalho realizado de maneira muito natural, sempre conduzido pela emoção de cada canção que eu fiz, de cada show, de cada palco em que subi. Naquele momento, ficou ainda mais claro para mim o tamanho da felicidade que essa carreira me proporciona. E eu sinto que não vou parar nunca com esse ímpeto, com essa vontade de subir aos palcos, de fazer canções novas.

Além de celebrar uma trajetória musical de sucesso, a que mais a turnê se propõe?

Acho que a turnê marca um momento importante da minha vida e também da vida das pessoas. Porque eu tenho o privilégio de entender que existe um público que realmente me acompanha, que me ajuda e que me influencia a seguir fazendo sempre.

Como tem sido a preparação para encerrar os shows em arenas?

Eu tenho que cuidar basicamente do corpo e da mente. A saúde física e mental são muito importantes na preparação de um espetáculo - e não precisaria nem ser esse de 50 anos, qualquer um exige isso. É preciso preparar a voz, fazer um trabalho vocal, preparar o físico, porque, como você sabe, meu show envolve uma performance que exige bastante de mim fisicamente. E tem também o aspecto psicológico. Encerrar uma arena com 50 mil pessoas ávidas por cantar, dançar, manifestar sua satisfação por aquele evento, por aquele artista que acompanham há tantos anos, tudo isso é muito sensível, e a gente precisa se preparar para isso.

Que ideias nortearam os arranjos?

Tive a ideia inicial de trazer as músicas, na medida do possível, para os arranjos originais das gravações. Sobre tudo os hits, porque mexi muito neles ao longo dos anos, justamente por serem canções que começaram a fazer sucesso há muito tempo. Então, a ideia primordial foi resgatar esses arranjos originais. Em alguns casos, fizemos algo mais híbrido, misturando o arranjo original com versões mais recentes, ou até com alguma leitura criada agora, para este momento. E foi isso que aconteceu. Várias músicas foram trabalhadas dessa maneira.

*Estagiário sob supervisão de Severino Francisco

» JOÃO PEDRO ALVES*

São Paulo (SP) — Aeroporto de Congonhas, 8 de maio. Entre pouso e desembarque, o sistema de som da aeronave preenche o ambiente com versões instrumentais. *Garota de Ipanema*, *Chega de Saudade*, *Flor de Lis*. Na aparência banal desse fato residem indícios da posição que Djava alcançou na música brasileira. No mesmo dia, em São Paulo, o compositor alagoano deu início à turnê que abrange cinco décadas de carreira. O **Correio** acompanhou o espetáculo, um afago aos corações das mais de 45 mil pessoas presentes no estádio Allianz Parque. Djava near — 50 anos chega a Brasília em 27 de junho.

Nas mais de duas horas entre Sina, música de abertura, e Lilás, o que se ouviu foi um coro incansável do público fiel, privilégio de quem acumula sucessos desde o primeiro disco, de 1976. Durante a performance, Djava lembrou a importância da capital paulista para que a carreira decolasse. “Foi aqui, 50 anos atrás, que a música Fato consumado conquistou o segundo lugar no festival Abertura, no Theatro Municipal de São Paulo. É um marco importantíssimo para mim. A partir dali, dediquei minha vida toda à música.”

Miragem e Azul mostraram a dinâmica que o ícone da música popular brasileira, aos 77 anos, sustenta no palco, com gingados e beijos à plateia. Mas, foram os momentos mais intimistas, quando os holofotes se concentraram na voz e no violão de Djava, que produziram as mais fortes reações. Coube à sequência *Meu bem querer* e *Oceano* o ponto alto do show. A direção musical, feita por Djava, incluiu ainda trombone, trompete, saxofone, além de baixo, bateria, guitarra e teclados.

Em *O vento*, Djava lembrou Gal Costa. “Fiz essa canção para ela, e ela gravou. É uma homenagem à minha querida amiga.” Outro músico reverenciado no show foi David Sanborn, que Djava convidou, em 1986, para gravar a música *Quase de manhã*. O saxofonista norte-americano também conduzia o programa *Sunday Night*, no qual o compositor alagoano interpretou *Asa*,

no final da década de 1980. “Tem um vídeo meu daquele dia que circula na internet até hoje. Eu gosto e sei que vocês também”, comentou Djava.

A grandeza do show pode ser medida em termos de estrutura. Foram 300 funcionários direta e 5 mil indiretamente mobilizados. Para a montagem do palco, que levou cinco dias, houve o empenho de 100 pessoas. Os telões de mais de 600 metros quadrados de extensão transmitiam a performance ao mesmo tempo em que apresentavam artes em diálogo com as canções.

A visão dos fãs

A cantora Liniker foi uma das artistas que prestigiaram o show. “Djava é uma inspiração, referência para o meu trabalho. Não poderia perder”, disse. A fã Nair Brito, 30 anos, reuniu sete familiares, todos com camisetas estampadas de Djava. Segundo ela, o gesto é uma maneira de retribuir a paixão que herdou em casa. “Tenho um amor genuíno por ele, foi um prazer organizar essa vinda.” Para Adel Brito, a principal característica de Djava é encantar o público. “Ele é um hitmaker”, disse o tio de Nair.

Se Nair passou a gostar do Djava por influência da família, Kauanny Basília, 14 anos, fez o contrário. Foi ela quem colaborou para que a mãe, Fernanda, se aproximasse das músicas dele. “Estou aqui por ela. Meu presente do Dia das Mães é vê-la sorrir.” Sidney Miranda e a mulher, Fabiana Oliveira, percorreram, de Campinas a São Paulo, quase 100 km para trazer Alice, de 16 anos, ao primeiro show da vida. “Comecei a gostar de MPB por causa deles”, explicou a jovem. “Vimos escutando no caminho, Djava tem músicas muito bonitas”, contou.

As estudantes da Universidade de São Paulo (USP) Heloísa Paschoalotto e Ana Ruth Passos acompanharam o show juntas. Elas discordam de alguém que ainda “ousa” classificar as letras de Djava como incompreensíveis. “As músicas são carregadas de sentido, mesmo que não se apresente de maneira imediata. Às vezes é necessário fazer um esforço maior”, opinou Heloísa, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

MOSTRA de um legado oceânico

Djava reafirma extensão dos sucessos na estreia da turnê de 50 anos de carreira, em São Paulo, acompanhada pelo **Correio**

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

ILUSTRAÇÃO: GURULINO

TEXTO: AMANDA FERNANDES

@gurulino

